



RELICI

VÍDEO PARTICIPATIVO E EDUCOMUNICAÇÃO: O VÍDEO PARTICIPATIVO COMO UM PROCESSO EDUCOMUNICATIVO¹

*Iury Matheus Costa Silva*²

*Lilian das Mercês Salvador*³

RESUMO

Desde o surgimento do cinema no final do século XIX, diversos estudos buscam observar as contribuições que as produções audiovisuais podem proporcionar para a construção do pensamento crítico do sujeito. Partindo desta premissa, a Educomunicação surge como um processo que impulsiona a reflexão e ação por parte da sociedade, a fim de promover a democracia, a cidadania e a participação social. Ainda sob essa perspectiva, o Vídeo Participativo (VP) utiliza-se de técnicas cinematográficas para engajar e motivar uma determinada comunidade a solucionar coletivamente problemas presentes no cotidiano. Dada a falta de fundamentação teórica que apoie o uso do VP, observamos que este pode ser considerado um processo educomunicativo que ocorre quando se é possibilitado à comunidade a capacidade de diálogo e ação

Palavras-Chave: vídeo participativo, educomunicação, processo de fogo.

ABSTRACT

Since the emergence of cinema in the late nineteenth century, several studies seek to observe the contributions that audiovisual productions can provide for the construction of critical thinking of the subject. Based on this premise, Educommunication emerges as a process that drives reflection and action by society, in order to promote democracy, citizenship and social participation. Still in this perspective, Participatory Video (VP) uses cinematic techniques to engage and motivate a particular community to collectively solve everyday problems. Given the lack of theoretical foundation that supports the use of PV, we observe that it can be considered an educomunicative process that occurs when the community is able to dialogue and action.

¹ Recebido em 02/10/2019.

² Universidade Federal da Paraíba. iurymcostasilva@gmail.com

³ Universidade Federal da Paraíba. liliandasmercessalavador@gmail.com



RELICI

Key words: participatory video, educommunication, fire process.

INTRODUÇÃO

Desde o surgimento do cinema no final do século XIX, diversas pesquisas e estudos buscam observar quais são as contribuições que as produções audiovisuais podem proporcionar para a construção da individualidade e do pensamento crítico do sujeito (LEITE, 2005). Para Marília Franco (2010), a relação entre a educação e o cinema é histórica, porém controversa, uma vez que, erros cometidos na tentativa de utilizar o cinema como ferramenta educacional, acabaram influenciando na origem de preconceitos e resistências quanto à utilização dessa linguagem na construção do indivíduo.

Dentre as inúmeras pesquisas e utilização do audiovisual como uma metodologia social, encontra-se a do vídeo participativo (VP), processo esse que utiliza-se da linguagem oral e visual viabilizado pelas produções audiovisuais como mecanismo de engajamento sociocultural. Os VP's buscam introduzir em comunidades marginalizadas a quebra da concepção de que o cinema só pode ser produzido por grandes empresas, o que possibilita aos participantes a oportunidade de gerar os seus próprios filmes (WHITE, 2003; LUNCH; LUNCH, 2006; PLUSH, 2012, 2015; YANG, 2016).

Essas produções, por sua vez, buscam identificar personas e questões pertencentes à própria comunidade, na qual o vídeo participativo será implementado, de modo a originar mudanças sociais para o sujeito e/ou comunidade, auxiliar no entendimento da sua própria cultura local, como também, conscientizar a comunidade sobre os principais problemas vivenciados por eles (WHITE, 2003; LUNCH; LUNCH, 2006; PLUSH, 2012, 2015; YANG, 2016).

Essa compreensão é resultado da colaboração dos envolvidos que têm como objetivo, não apenas identificar os protagonistas sociais, mas também externar através desse meio suas experiências, dificuldades e perspectivas pessoais e/ou



RELICI

65

coletivas tanto para a própria comunidade quanto para o poder público (WHITE, 2003; LUNCH; LUNCH, 2006; PLUSH, 2012, 2015; YANG, 2016).

Entretanto, o vídeo participativo ainda carece de fundamentação teórica que o consolide como meio para construção do pensamento crítico e social dos agentes participantes, uma vez que existe uma “notável ausência de teorias bem formuladas para sustentar as práticas de vídeo participativo” (WHITE, 2003, p. 24, tradução nossa)⁴. A partir disto, buscamos desenvolver como o vídeo participativo pode ser observado como um processo educomunicativo.

O QUE É VÍDEO PARTICIPATIVO?

O vídeo participativo nasceu originalmente de um projeto de cinema comunitário que foi desenvolvido em 1960 por Don Snowden, Colin Low e Fred Earle na Ilha do Fogo, Canadá e que foi denominado como “processo de fogo”. Esse projeto possuía como objetivo o de desenvolver uma discussão crítica e social entre os moradores da ilha sobre possíveis soluções para a crise do colapso da pesca costeira que atingia o arquipélago (COLLIZZOLLI, 2010).

O processo de fogo caracteriza-se por ser um método de participação social da comunidade para a construção de vídeos. Busca-se com este mecanismo o de incentivar os moradores a apresentarem os diversos pontos de vistas e realidades aos representantes políticos, com o objetivo de debater as questões e preocupações da localidade (COLLIZZOLLI, 2010; PLUSH, 2012, 2015).

Sob a perspectiva conceitual, White (2003) define o vídeo participativo como um processo auto envolvente que busca utilizar-se de técnicas cinematográficas para engajar e motivar uma determinada comunidade a construir coletivamente um pensamento crítico sobre os principais problemas presentes na cotidiano

⁴ “there are few definitive concepts but there is remarkable absence of any well-formulated theories to undergird the participatory video practices” (WHITE, 2003, p. 24).



RELICI

66

socioeconômico e cultural (SHAW; ROBERTSON, 1997; KINDON, 2003; LUNCH; LUNCH, 2006; MILNE; MITCHELL; LANGE, 2012).

Essa metodologia possibilita aos participantes, não apenas a oportunidade de conhecer de forma mais aprofundada suas raízes culturais e sociais, mas também a possibilidade de alternar o protagonismo social de membros da comunidade, de modo que estes possam compartilhar as experiências, preocupações e os diversos pontos de vistas sobre a realidade daquele ambiente (MISTRY; BIGNANTE; BERARDI, 2016).

Em outras palavras, o vídeo participativo busca muito mais do que apenas contar histórias da comunidade ou ambiente em que os participantes estão inseridos, mas também a de escancarar a realidade socioeconômica e cultural, através do protagonismo social, criando assim não apenas um laço com o ambiente, mas também com a construção do conhecimento e do senso crítico (HAYNES; TANNER, 2015).

EDUCOMUNICAÇÃO

Este campo de conhecimento denominado Educomunicação que a “[...] princípio parece mera junção de Educação e Comunicação, na realidade, não apenas une as áreas, mas destaca de modo significativo um terceiro termo, a ação” (SOARES, 2006, p. 3) que volta-se tanto para a análise contextual e conceitual quanto para o processo.

Este campo interliga-se a todos os setores sociais e busca intervir na sociedade, de modo a impulsionar as pessoas a refletirem e a agirem em favor da democracia e da cidadania, estimulando assim o senso crítico do indivíduo para com a realidade ao seu redor, auxiliando na democratização da comunicação e fortalecendo a participação do sujeito em atividades que visam integrar e não separá-lo da sociedade.



RELICI

67

Outro aspecto acerca da definição da Educomunicação é que a mesma se encontra no estágio de desenvolvimento dos seus objetivos, ou seja, das suas ações que visam:

(1) promover e fortalecer “ecossistemas comunicativos”, qualificados como abertos e participativos, garantidos por uma gestão democrática dos processos de comunicação nos diferentes ambientes de relacionamento humano (envolvendo, no caso, em igualdade de condições, a comunidade como um todo, seja ela educativa ou comunicativa); (2) ampliar o potencial comunicativo e as condições de expressividade dos indivíduos e grupos humanos, mediante práticas culturais e artísticas, assim como através do uso dos recursos disponibilizados pela era da informação, tendo como meta prioritária o reconhecimento do protagonismo infanto-juvenil, e (3) fortalecer referências e metodologias que permitam às comunidades humanas relacionarem-se, enquanto sujeitos sociais, com o sistema midiático (SOARES, 2011, p. 12).

Os atos educacionais, de um modo geral, visam proporcionar debates acerca dos “[...] direitos sociais e das minorias, fomentando a constituição de políticas públicas e ações a elas correlatas como estratégias de intercâmbio e diálogo entre comunidades e o fortalecimento da organização interna de segmentos sociais” (FREITAS, 2015, p. 158).

Com base nos seus objetivos, a Educomunicação se divide em sete áreas de intervenção, sendo estas alguns dos espaços em que um educador pode desempenhar suas ações educacionais e que segundo Soares (2011, p. 47), podem ser classificadas como campos de atuação:

- A área da *Educação para a Comunicação* vincula-se às práticas voltadas à formação de pessoas críticas, a partir das mensagens veiculadas pelos meios de comunicação. Não obstante, busca também através do estudo de recepção dos meios, a criação de mídias educativas que visem o desenvolvimento do pensamento crítico, possibilitando ao cidadão o papel tanto de um emissor quanto de um receptor capaz de filtrar as inúmeras informações disseminadas diariamente.



RELICI

68

▪ A área da *expressão comunicativa através das artes* vincula-se às práticas que utilizam a arte como uma fonte de informação. A arte, ademais, é um meio de comunicação acessível a todos os públicos, uma vez que, este trabalha com ferramentas democráticas (sem restrição de idade, gênero ou classe social) e dinâmicas como a dança, a música, o teatro, a pintura, a arquitetura, o cinema, que buscam incentivar através destas modalidades, os talentos de cada indivíduo, o respeito, a fraternidade e a reflexão.

Não obstante, a arte também proporciona para a sociedade a interação e o diálogo necessário para se quebrar paradigmas sociais, uma vez que, a prática artística acaba viabilizando, não apenas o contato entre pessoas de diferentes níveis de formação, mas também a promoção de conhecimento para aqueles que, de alguma maneira, acabaram sendo impedidos de prosseguir os seus estudos.

▪ A área da *mediação tecnológica na educação* vincula-se às práticas direcionadas ao uso da tecnologia como uma ferramenta social e educativa. O contexto atual mostra-nos que a forte presença da tecnologia no cotidiano das crianças e dos jovens acaba transformando a posição das instituições escolares que ainda permanecem consideravelmente relutantes quanto à implementação e ao uso desses instrumentos tecnológicos dentro de ambientes educativos formais ou não.

Além disso, esta área visa assegurar aspectos como acessibilidade, interatividade, democracia, dinamismo, criatividade, criticidade e, principalmente, interesse por parte dos alunos (ao trazer algo do dia a dia dos mesmos para a escola, porém, com um uso diferenciado).

▪ A área da *pedagogia da comunicação* vincula-se às práticas destinadas à educação formal, onde os objetivos são: reduzir a distância entre o docente e o discente; e incentivar a construção de conhecimento através da ação, da participação, do diálogo e da leitura crítica.



RELICI

69

- A área da *gestão da comunicação* vincula-se às práticas voltadas ao diagnóstico, ao planejamento e a execução de projetos que busquem aperfeiçoar os ecossistemas comunicacionais existentes dentro dos ambientes sejam estes organizacionais ou educacionais.
- A área da *reflexão epistemológica* vincula-se às práticas que estudam e analisam o próprio campo do saber, através de pesquisas acadêmicas sobre a Educomunicação e a relação complexa da Comunicação com a Educação, bem como a coesão entre a teoria e a ação educacional.
- A área da *produção midiática* vincula-se às práticas direcionadas à elaboração de programas e ações midiáticas, a partir da base educacional. Diante disso, tais produtos audiovisuais têm por objetivo estimular a reflexão e o senso crítico tanto de quem produz, quanto de quem visualiza.

VÍDEO PARTICIPATIVO COMO UM PROCESSO EDUCOMUNICATIVO

Com base nos princípios educacionais, é possível identificar a natureza do vídeo participativo em duas das sete áreas de intervenção da Educomunicação, sendo estas a “Expressão Comunicativa Através das Artes” e a “Produção Midiática”.

Sob a perspectiva da Expressão Comunicativa Através das Artes, busca-se utilizar das expressões artísticas como um mecanismo comunicacional capaz de modificar o ambiente em que aquela intervenção artística está ocorrendo, como também, o próprio pensamento crítico daqueles que estão se expressando (SOARES, 2011). De modo geral, a expressão comunicativa através das artes pode ser considerada como uma ferramenta que auxilia na luta contra a desigualdade social, a construção do pensamento crítico quanto aos principais problemas presentes na comunidade (SOARES, 2011).

Já do ponto de vista da Produção Midiática, intenciona-se com a criação de vídeos a promoção de “princípios democráticos e valores como a cidadania, a



RELICI

70

solidariedade, a criatividade, o diálogo horizontalizado” (ALMEIDA, 2016, p. 15). Não obstante, essa área de intervenção educomunicativa foca no planejamento e no processo do produto midiático, pois é nessas etapas que ocorre o envolvimento de todo o corpo social. Ao utilizar o vocabulário próprio de cada comunidade, expor situações que os sujeitos lidam cotidianamente e fornecer a possibilidade de expressão e discussão de tais problemas (ALMEIDA, 2016).

Posto isso, entendemos que o vídeo participativo pode ser considerado um processo educomunicativo, uma vez que, tal método busca através da produção audiovisual, não apenas a captura das vozes marginalizadas, mas também a expressão de suas questões, pontos de vistas e experiências. Isto porque, o vídeo participativo pode ser observado como uma metodologia mais eficiente de alcançar e incluir personas que tradicionalmente não possuem voz no desenvolvimento da comunidade (KIDD, 1994; BRADEN; MAYO, 1999).

Para Brande e Mayo(1999), o processo dialógico possibilitado pelo vídeo participativo auxilia as comunidades marginalizadas a analisarem de maneira critica suas próprias realidades, conscientizando assim todos os membros da comunidade.

Desta maneira, o vídeo participativo como um processo educomunicativo ocorre quando se é possibilitado à comunidade a capacidade de diálogo (ao proporcionar a transmissão do conhecimento gerado pela comunidade) e ação (ao possibilitar mudanças a nível local, nacional e/ou global, a partir do debate realizado anteriormente e da produção audiovisual).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A utilização de novas tecnologias para auxiliar o ensino-aprendizagem não é um conceito novo, uma vez que, diversas tecnologias a exemplo das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC's), que antes não haviam sido pensadas para o engajamento social e a construção do pensamento crítico (BELLOTTI; BERTA;



RELICI

GLORIA, 2010; SPECTOR et al., 2014; NG, 2016), acabaram por serem observadas como instrumentos que possuem um alto nível de contribuição para a construção e planejamento de intervenções sociais a nível local, nacional e/ou global.

Dentre as TIC's, o vídeo participativo destaca-se como uma das diversas ferramentas que podem ser utilizadas para se alcançar o envolvimento e encorajamento de comunidades marginalizadas, a fim de promover discussões capazes de solucionar coletivamente problemas presentes no cotidiano. Sob essa perspectiva, o Vídeo Participativo trata-se de uma metodologia que utiliza-se de técnicas cinematográficas para engajar e motivar uma determinada comunidade a solucionar coletivamente problemas presentes no cotidiano.

Entretanto, o vídeo participativo ainda carece de fundamentação teórica que o consolide como meio para a construção do pensamento crítico e social dos agentes participantes. Partindo desta premissa, observamos que a Educomunicação pode ser utilizada como suporte metodológico para embasar o uso do VP, visto que, o mesmo é um processo que impulsiona a reflexão e ação por parte da sociedade, a fim de promover a democracia, a cidadania e a participação social.

Desta maneira, consideramos o Vídeo Participativo como parte de um processo educutivo que ocorre quando se é possibilitado à comunidade a capacidade de diálogo (ao proporcionar a transmissão do conhecimento gerado pela comunidade) e ação (ao possibilitar mudanças a nível local, nacional e/ou global, a partir do debate realizado anteriormente e da produção audiovisual).

Ademais, evidenciamos a relevância de utilizar o vídeo participativo como um método educutivo para a sua validação tanto no âmbito da Educomunicação quanto para o estreitamento da relação das áreas da Comunicação e Educação, como um mecanismo capaz de modificar o ambiente e os indivíduos envolvidos nesse processo.



RELICI

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, L. B. C. Projetos de intervenção em educomunicação. p. 44, 2016. Disponível em: <https://www.academia.edu/31480161/Projetos_de_intervencao_em_educomunicacao>. Acesso em: 25 set. 2019.

BELLOTTI, F.; BERTA, R.; GLORIA, A. De. Designing effective serious games: Opportunities and challenges for research. **International Journal of Emerging Technologies in Learning**, v. 5, n. 2010, 2010. Disponível em: <<https://www.learntechlib.org/p/44949/>>. Acesso em: 22 set. 2019.

BRADEN, S.; MAYO, M. Culture, community development and representation. **Community Development Journal**, v. 34, n. 3, p. 191–204, 1999. Disponível em: <Culture, community development and representation>. Acesso em: 22 set. 2019.

COLLIZZOLLI, S. **IL VIDEO PARTECIPATIVO della comunicazione sociale alla socializzazione della comunicazione**. 2010. Università degli Studi di Padova, 2010.

FREITAS, J. V. Educomunicação: Contextualizando o processo de atribuição de sentidos e significados no delineamento do conceito. **Revista Brasileira de Educação Ambiental - RevBEA**, v. 10, n. 2, 2015. Disponível em: <<https://periodicos.unifesp.br/index.php/revbea/article/view/2072>>. Acesso em: 25 set. 2019.

HAYNES, K.; TANNER, T. M. Empowering young people and strengthening resilience: Youth-centred participatory video as a tool for climate change adaptation and disaster risk reduction. **Children's Geographies**, v. 13, n. 3, p. 357–371, 2015. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/14733285.2013.848599>>. Acesso em: 22 set. 2019.

KIDD, D. One Woman's Archeology of Community Video. In: RIANO, P. (Ed.). **Women in Grassroots Communication: Furthering Social Change**. 1. ed. [s.l.] SAGE Publications Ltd, 1994.

KINDON, S. Participatory video in geographic research: a feminist practice of looking? **Area**, v. 35, n. 2, p. 142–153, 2003. Disponível em: <<https://rgs-ibg.onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/1475-4762.00236>>. Acesso em: 25 set. 2019.



RELICI

73

LEITE, S. F. **Cinema Brasileiro - Das Origens A Retomada**. 1. ed. [s.l.] Perseu Abramo, 2005.

LUNCH, N.; LUNCH, C. **Insights into Participatory Video. A Handbook for the Field**. 1. ed. [s.l.] Insight, 2006.

MARILIA, F. Hipótese-Cinema: Múltiplos Diálogos. **Revista Contemporânea de Educação**, v. 5, n. 9, p. 8–23, 2010. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/rce/article/view/1597>>. Acesso em: 22 set. 2019.

MILNE, E.-J.; MITCHELL, C.; LANGE, N.De. **The handbook of participatory video**. 1. ed. [s.l.] AltaMira Press, 2012.

MISTRY, J.; BIGNANTE, E.; BERARDI, A. Why are we doing it? Exploring participant motivations within a participatory video project. **Area**, v. 48, n. 4, p. 412–418, 2016. Disponível em: <<https://rgs-ibg.onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/area.12105>>. Acesso em: 25 set. 2019.

NG, W. **New Digital Technology in Education: Conceptualizing Professional Learning for Educators**. 2015. ed. [s.l.] Springer, 2016.

PLUSH, T. Fostering social change through participatory video: A conceptual framework. **Development Bulletin**, 2012.

PLUSH, T. Interrogating practitioner tensions for raising citizen voice with participatory video in international development. **Nordicom Review**, 2015.

SHAW, J.; ROBERTSON, C. **Participatory Video: A Practical Guide to Using Video Creatively in Group Development Work**. 1. ed. [s.l.] Routledge Taylor & Francis Group, 1997.

SOARES, D. EDUCOMUNICAÇÃO - O QUE É ISTO? **Gens, Serviços Educacionais**, 2006. Disponível em: <http://www.portalgens.com.br/baixararquivos/textos/educomunicacao_o_que_e_isto.pdf>. Acesso em: 25 set. 2019.

SOARES, I. de O. **Educomunicação - o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do ensino médio**. 1. ed. São Paulo: Paulinas, 2011.

SPECTOR, J. M. et al. **Handbook of research on educational communications and technology: Fourth edition**. 4. ed. New York: Springer, 2014.

Revista Livre de Cinema, v. 7, n. 2, p. 63-74, mai-ago, 2020
ISSN: 2357-8807



RELICI

74

WHITE, S. A. **Participatory video: Images that transform and empower.** 1. ed. Ithaca: SAGE Publications Pvt. Ltd, 2003.

YANG, K.-H. **Participatory Video in Adult Education: Cultivating Participatory Culture in Communities.** 1. ed. [s.l.] Springer, 2016.